



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da usina termelétrica Euzébio Rocha**

Cubatão-SP, 10 de março de 2010

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Márcio Zimmermann, secretário executivo do Ministério de Minas e Energia, que está aqui representando o ministro Lobão,

Meu companheiro Carlos Gabas, secretário-executivo do Ministério da Previdência Social,

Deputado federal José Mentor,

Nossa querida companheira Márcia Rosa de Mendonça Silva, prefeita de Cubatão,

Nossa querida companheira Maria Antonieta de Brito, prefeita do Guarujá,

Nossa querida companheira Milena Xisto Bargieri, prefeita de Peruíbe,

Nosso querido companheiro Tércio Augusto Garcia Júnior, prefeito de São Vicente,

Nosso querido companheiro José Mauro Dedemo Orlandini, prefeito de Bertioga,

Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de Gás e Energia da Petrobras,

Nosso querido companheiro José Carlos Luz, gerente da usina termelétrica Euzébio Rocha,

E nossa companheira Elissandra Souza Nascimento e Sérgio Luiz da Silva, por meio de quem cumprimento todos os trabalhadores da Petrobras, aqui presentes.

Companheiros e companheiras,



Eu não sei se vocês estão com o calor que eu estou. Se vocês estão com o calor que eu estou, eu recomendo ao senhor que vai falar que fale pouco, porque ninguém aguenta, a não ser que a Graça queira utilizar o nosso suor para produzir um pouco de energia na termelétrica Euzébio Rocha. Eu não sei, até, se vocês beberam água, mas eu estou aqui sem aguentar o calor. Acho que a Petrobras está em uma fase de contenção, Graça, e acho que o ar que deveria estar saindo por esses buracos aí, alguém deve estar levando ele antes de entrar aqui dentro, porque... deve estar utilizando na caldeira para produzir energia, e não trouxeram o ar para cá. De qualquer forma, como a gente não vem todo dia a Cubatão e como a gente não inaugura uma termelétrica todo dia, eu penso que merece sofrermos um pouco o calor. Seria melhor se estivéssemos na beira da praia a esta hora, uma cervejinha gelada, com a ponta dos pés batendo dentro da água, mas isso não é possível. Só daqui a algum tempo.

Eu queria, companheiros e companheiras, dizer para vocês que nós estamos vivendo um momento quase de estado de graça no nosso país. Para os mais jovens que estão aqui, eu queria dizer para vocês que eu fui presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC até 1980, quando fomos cassados, em abril de [19]80, por conta de uma greve que durou 41 dias. E desde aquela época, de 1980 até 2003, o nosso querido país passou por uma crise sem precedentes. Foram mais de 20 anos em que nós estávamos subordinados à tutela do Fundo Monetário Internacional, onde o Brasil foi submetido a uma política de ajuste fiscal muito forte, e as empresas brasileiras, como a própria Petrobras, pararam de fazer investimento e nós entramos na era em que os governantes negavam o Estado e diziam que a única solução era privatizar todas as empresas brasileiras, porque assim o Brasil teria mais competência. E vários setores foram privatizados: telecomunicações, energia elétrica, setor siderúrgico. Tentaram privatizar o Banco do Brasil, tentaram mudar, até, o



nome da Petrobras, quebraram o monopólio da Petrobras. Ferrovia não foi nem privatizada. Ferrovia foi dada a determinados grupos empresariais, que não fizeram os investimentos necessários. E os trabalhadores passaram mais de 20 anos sem encontrar empregos para trabalhar. Mesmo quem tivesse profissão teria muita dificuldade de arrumar emprego neste país.

Eu lembro, Dilma, que em 1990 eu tirei dez dias de férias e fui a Angra dos Reis visitar o meu companheiro Luiz Sérgio, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, que era prefeito de Angra dos Reis. E eu lembro que o estaleiro lá no Rio de Janeiro... lá em Angra tinha 6 mil trabalhadores, e em [19]90, quando eu fui visitar, ele tinha apenas 2 mil trabalhadores. E no ano de 2000, toda a indústria naval do Rio de Janeiro tinha apenas 1.200 trabalhadores. A gente encontrava os metalúrgicos vendendo água de coco na praia. A gente encontrava os metalúrgicos, com profissão, vendendo cerveja num isopor, na praia, vendendo caipirosca na praia, porque não existia mais, em nenhuma fábrica deste país, uma placa sequer dizendo “Precisa-se de um engenheiro, de um ferramenteiro, de um torneiro, de um soldador, de um mandrilador”.

E ainda, Dilma, naquele tempo, era proibido mulher trabalhar em solda. A solda era considerada uma profissão insalubre, e o homem que trabalhava na solda se aposentava com 25 anos de serviço. Mulher não podia nem passar perto de uma máquina de solda. E hoje eu vejo Vossa Excelência receber uma placa de uma mulher que é soldadora. E aqui tem muitas soldadoras, numa demonstração de que para as mulheres não basta apenas ser a maioria numérica deste país. As mulheres querem ocupar mais espaço, as mulheres querem participar da política. As mulheres já não querem mais ser tratadas como objeto de segundo grau, não querem mais ser tratadas como objeto de cama e mesa. A mulher quer ser cidadã na sua plenitude, ela quer pensar, ela quer deliberar e ela quer executar. E eu acho que o fato de as soldadoras estarem aqui hoje, numa grande maioria, trabalhando na construção desta refinaria, é uma coisa extremamente importante.



Mas eu estava falando do desemprego. Foram mais de 20 anos em que a gente não via, em lugar nenhum deste país, uma placa precisando de alguma profissão. E a gente passou a encontrar pelo país inteiro homens e mulheres que, mesmo se formando, não conseguiam mercado de trabalho. O que é mais grave, companheira Graça, é que o País deixou de formar engenheiros, e aqueles que se formavam engenheiros iam trabalhar no mercado financeiro, ser analistas econômicos, e não construtores de fábricas ou de prédios. Só para vocês terem ideia, em 1989 o Brasil tinha 48 mil escritórios de consultoria de Engenharia. Quando nós chegamos ao governo, só tínhamos 8 mil, e agora voltamos a ter 48 mil, porque não é possível um país ir para a frente se ele não formar milhões de engenheiros, porque a Engenharia é que dá a cara do desenvolvimento e do progresso de um país.

Quando eu disse que nós estamos vivendo um momento de ouro e um momento importante, é porque todos nós aprendemos que uma nação não é considerada nação pela quantidade de habitantes que tem o seu povo; ela não é considerada nação apenas pela quantidade de quilômetros quadrados que ela tem. Ela é considerada uma nação quando o seu povo sente orgulho das cores da sua bandeira, quando o povo se sente recompensado pela atuação dos governantes, e quando os governantes trabalham para que o povo conquiste a cidadania plena: ter o direito de estudar, de morar, de comer três vezes ao dia, de ter acesso à cultura, ao lazer, de ter liberdade plena. Aí as pessoas percebem que nós estamos construindo uma nação.

E o Brasil demorou muito, mesmo depois de conquistar a Independência, de [a] ser uma nação, porque sempre estávamos subordinados a alguém, sempre tinha alguém para dar um palpite naquilo que a gente deveria fazer. Primeiro foram os portugueses; depois dos portugueses, os ingleses; depois dos ingleses, os americanos; depois dos americanos, toda uma lógica econômica mundial, que tinha um tal de FMI que vinha aqui todo santo mês dizer o que a gente tinha que fazer, e os nossos ministros da



Economia baixando a cabeça para o Fundo Monetário Internacional. A nossa querida Petrobras não tinha mais sequer capacidade de investimento, não tinha, porque a lógica perversa era levar a Petrobras à falência para poder justificar a venda da Petrobras, alegando que a gente não era autossuficiente em petróleo.

Aliás, é importante lembrar que quando foi criada a Petrobras, em 1953... é só pegar os editoriais dos jornais da época, que diziam que o Brasil não tinha que se meter a criar a Petrobras, não tinha que se meter a procurar petróleo, que a gente deveria continuar comprando petróleo de quem a gente sempre comprou. Eu lembro que quando foram discutir as férias de 15 dias para trabalhadores neste país, sabe qual era o argumento dos deputados que representavam o setor empresarial na Constituinte de 1946, Dilma? Era de que as férias iriam levar o trabalhador ao ócio, e o trabalhador ficando 15 dias em casa, ele iria começar a beber, iria ficar violento, então era preciso não ter férias. Era esse o argumento utilizado para este país não construir a cidadania do seu povo.

Hoje nós estamos percebendo que as coisas começam a mudar. Primeiro, enquanto o mundo desenvolvido está em crise, o nosso país está crescendo. Enquanto a Europa e os Estados Unidos tiveram mais de 7 milhões [de desempregados], cada um, na crise econômica, o ano passado, que foi o pior ano deste país, no meu governo nós criamos 950 mil novos empregos de carteira profissional assinada. E só este ano, no mês de janeiro – somente no mês de janeiro, que é o mês mais difícil –, nós criamos 181 mil novos empregos com carteira profissional assinada. Eu vou repetir essas coisas porque nós estamos em um ano de campanha, e nós estamos percebendo que tem gente inaugurando até maquete, e nós queremos mostrar como é que as coisas acontecem neste país.

Eu, quando comecei a minha vida política, eu dizia que o político mentiroso, ele fala assim: “Eu mato a cobra e mostro o pau”. Ora, o fato de



you mostrar o pau não significa que você matou a cobra. Então, nós adotávamos o discurso de que um político verdadeiro, ele mata a cobra e mostra a cobra morta. Agora, como nós somos politicamente e ambientalmente corretos, nós não vamos matar cobra nenhuma. Nós vamos deixar a bichinha viver o tempo inteiro e não encher o saco dela, que ela não vai picar ninguém. Deixa ela viver no habitat dela e nós no nosso, que o mundo precisa dos dois.

Pois bem, eu, então, acho que o Brasil está vivendo esse momento. A Petrobras descobre o pré-sal. O pré-sal, até agora, pelo que nós sabemos, somente no Poço de Tupi nós já temos uma quantidade de petróleo, em reserva, igual à quantidade que a gente tinha antes, ou seja, nós tínhamos 14 bilhões de litros de reserva, nós dobramos essa com apenas Tupi, fora todo o pré-sal que ainda está para ser descoberto. Portanto, há a perspectiva de o Brasil ter descoberto uma grande jazida de petróleo, que pode colocar o Brasil entre os principais produtores de petróleo do mundo. Agora, nós não queremos, não queremos vender óleo cru, como é vendido por alguns países. Nós queremos colocar valor agregado, para que a gente possa ter mais dinheiro para resolver o problema da educação, da ciência e tecnologia e da pobreza no nosso país. Esse dinheiro do petróleo não pode ser para enriquecer algumas empresas. Esse petróleo é para dar ao povo brasileiro aquilo que o Brasil deveria ter dado há muito tempo, mas os governantes não se importaram de cuidar do povo com muito carinho.

É por isso que a companheira Dilma Rousseff e o ministro Lobão chefiaram, dentro do governo, a equipe que elaborou o novo marco regulatório do petróleo para que o Congresso Nacional vote e o Estado brasileiro possa ser dono do seu petróleo. Hoje como é que funciona? Hoje nós vendemos um bloco em alto-mar. A empresa que compra o bloco, ela paga uma parcela para o governo, e aí o petróleo que ela encontrar é dela. Agora, não. Agora não vai ser mais assim. Ela vai ter... o petróleo é nosso lá embaixo e é nosso aqui em cima. A empresa vai ter uma cota, a ser discutida por nós, do petróleo que ela



encontrar. O restante é nosso, e nós estamos criando uma empresa pequena, enxuta para administrar essa riqueza do petróleo. Já foi aprovada no Congresso a criação de um fundo, para que a gente possa utilizar esse fundo para resolver os graves problemas e a dívida educacional que nós temos com o nosso povo, os investimentos em mais tecnologia, porque este país não quer ser mais exportador só de ferro ou de soja ou de suco de laranja. Este país quer ser exportador de conhecimento, de inteligência, daí porque muito investimento na educação com o dinheiro do petróleo que nós encontramos e que está para começar a ser tirado.

Nós estamos tirando um pouquinho, mas o grosso desse petróleo vai sair lá para 2016, 2017. São mais de 500 navios e plataformas e sondas que a gente vai criar. Quem trabalha aqui sabe que a indústria naval brasileira estava quebrada, hoje a indústria naval brasileira está recuperada; que os estaleiros estavam falidos, e hoje os estaleiros estão reconstruídos e sendo feitos muitos estaleiros novos.

E quando a gente vem aqui inaugurar uma termelétrica, o que a gente está dizendo para o mundo? Pode vir fazer investimento no Brasil, que vai ter energia suficiente, que não vai ter mais apagão, como tivemos em 2001. Não vai ter, porque em 2001 o apagão foi porque a gente tinha água sobrando lá no Sul do País, mas não tinha linha de transmissão para trazer para o Sudeste. Agora nós fizemos uma interconexão de linhas por todo o Brasil: quando tiver chuva demais aqui, a gente manda para o Nordeste; quando tiver muito no Nordeste, a gente traz para cá, e nunca mais a gente vai ter apagão neste país, a não ser que caia uma torre, que caia um negócio qualquer, que aí, com as intempéries, a gente não brinca. Aí é a zanga de Deus, e com a zanga de Deus a gente abaixa a cabeça e faz as coisas certas para não errar outra vez.

E, para terminar, eu queria dizer para vocês que nós só estamos chegando no dia de hoje porque em alguns momentos nós tivemos coragem. Vocês não pensem que foi fácil a gente romper com o FMI. Hoje, graças a



Deus, nós não devemos nada ao FMI e eles nos devem US\$ 14 bilhões. Hoje... E este país tem mais US\$ 241 bilhões em reservas. É por isso que nós não sofremos muito com a crise econômica, é por isso que este ano nós vamos gerar mais de 2 milhões de empregos, é por isso que nós vamos fazer mais três refinarias, e fazia 20 anos que a Petrobras não fazia uma única refinaria neste país. E é por isso que a indústria automobilística está produzindo mais carros e vendendo mais carros, porque o povo pobre está subindo um degrauzinho da escada pouco a pouco, o povo pobre está entrando na universidade pelo ProUni, o povo pobre está entrando nas universidades que nós estamos criando: é universidade em Santos, em São Bernardo, em Santo André, em Osasco, em Guarulhos. Agora, vamos fazer em Mauá e vamos continuar fazendo, vamos continuar fazendo em várias cidades, porque não é só a de Santos. Nós temos que lembrar de Cubatão, de São Vicente, de Peruíbe.

Acontece que está uma coisa boa, agora, acontecendo no Brasil. Quando eu ando pelo País, os prefeitos já não se encontram mais comigo para pedir dinheirinho para uma coisa, não. Os prefeitos estão pedindo escolas técnicas e universidades, numa demonstração de que daqui a quatro, seis ou oito anos a gente vai ter um Brasil muito melhor.

Eu vou terminar dizendo uma coisa, companheiro Mentor, para você ver. Eu sou agradecido à Câmara dos Deputados, porque eu e o José Alencar somos os únicos presidente e vice-presidente que não têm diploma universitário. É uma coincidência. Eu não falo isso com orgulho porque eu gostaria de ter. Mas, de qualquer forma, nós já passamos para a história como o governo que mais fez universidades no Brasil e como o governo que mais fez escolas técnicas no Brasil. Em oito anos, nós fizemos uma vez e meia o que eles fizeram num século. Em oito anos! E achamos que é pouco, é pouco. A companheira Dilma que se prepare, porque é preciso fazer muito mais. Se eu fiz 214, tem que fazer 300, 400, porque nós temos uma dívida secular com a



educação brasileira.

E quando eu venho à Petrobras, venho a Cubatão ver um empreendimento como este, que pouco tempo atrás a gente não se sentia em condições de fazer... Faz três anos que nós fizemos uma reunião no meu gabinete, do Conselho Nacional de Política Energética, porque não tinha gás. O dilema era o gás. Hoje a gente ainda não tem tudo o que a gente quer, mas a gente já tem muito mais do que a gente tinha e, se Deus quiser, a gente vai caminhar para a autossuficiência, também na questão do gás, porque aí, sim, o Brasil estará definindo a questão da sua soberania.

E por último, companheiros e companheiras, eu queria tocar em um assunto que vocês estão acompanhando pela imprensa, que é a disputa comercial entre Brasil e Estados Unidos da América do Norte. Eu vejo a imprensa com manchetes “retaliação daqui, retaliação dali; O Brasil vai brigar com os Estados Unidos ou não vai brigar”, então eu vou contar para vocês o que é. Nós temos uma instituição chamada OMC, mais conhecida como Organização Mundial do Comércio, que tem por obrigação regular o comércio mundial. Quando a OMC toma decisão, a decisão vale para todos os governos e para todos os países. E há sete anos o Brasil tem brigado, na OMC, para que os Estados Unidos tirem o subsídio do algodão para os seus produtores, ou seja, os Estados Unidos estão pagando para os seus produtores produzirem algodão, e isso significa dificultar a possibilidade de os países mais pobres do mundo, que só têm o algodão como cultura, exportar o algodão para competir com o produtor americano. E nós estamos brigando. Os países prejudicados, Dilma, são, sobretudo, os países africanos, os países pequenos, que se os americanos continuam dando subsídio para os seus produtores, os pequenos produtores africanos não têm onde vender o seu algodão.

Pois bem, o Brasil ganhou. A OMC deu ganho de causa para o Brasil. Então, teoricamente, os Estados Unidos teriam que parar de dar subsídio aos produtores de algodão, mas eles não pararam. Então, a decisão da OMC, ela



permite ao Brasil criar dificuldades para determinados produtos americanos aqui no Brasil. Então, o que nós estamos fazendo não é uma política de retaliação. O que nós estamos fazendo é dizer aos Estados Unidos: não importa o tamanho de cada um de nós, não importa a riqueza de cada um de nós. Todos nós somos países soberanos e todos nós somos tratados em igualdade de condições, e nós queremos ser respeitados e queremos que a OMC seja respeitada.

E eu queria, aqui, dentro de uma termelétrica em Cubatão... Não sei se o companheiro Obama vai ouvir o que eu vou dizer, mas “Obama, os Estados Unidos são muito ricos. Os Estados Unidos podem fazer o que quiserem na economia, mas o que não é justo, companheiro, é que se os Estados Unidos tivessem, junto com o Brasil, feito o acordo na Rodada de Doha de 2008, se tivessem assinado conosco a proposta, nós não estaríamos agora brigando e o povo africano estaria vendendo o seu algodão na Europa e nos Estados Unidos”.

Então, eu queria pedir ao companheiro Obama que colocasse as suas pessoas para negociar rapidamente. O Brasil não tem nenhum interesse em nenhuma confrontação com os Estados Unidos. Mas o Brasil tem interesse que os Estados Unidos respeitem as decisões da OMC, tanto quanto o Brasil respeitará quando a OMC decidir contra nós. Ou nós obedecemos as instituições multilaterais, ou o mundo vai ficar desgovernado, o mundo vai virar, eu diria, uma bagunça, e nós não queremos que o mundo vire uma bagunça. E quem precisa que os americanos diminuam o subsídio do algodão não é o produtor brasileiro, porque nós temos competência, terra, sol, água e tecnologia para competir com americano, com chinês, com alemão, com francês. Quem não tem são os pobres dos países africanos, que ainda não receberam a tecnologia dos países ricos. Esse é um apelo, é um apelo que eu faço daqui de Cubatão aos ouvidos dos produtores de algodão do mundo inteiro: acho que está na hora de a gente dar chance para que um pequeno



produtor africano coloque o seu produto no mercado mais rico do mundo, que são os Estados Unidos e a União Europeia. E aí o comércio vai ficar mais justo, o mundo vai ficar melhor, e a gente vai ter menos guerra e muito mais paz.

Portanto, meus companheiros, é essa a retaliação que a gente está fazendo. Nós apenas estamos dizendo para os americanos: cumpram com as suas obrigações, que nós cumprimos com as nossas.

Um abraço, boa sorte e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)